



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

Estefania Pereira da Silva

Matr.: 19991.351.037

**ECONOMIA SOLIDÁRIA: CONSTRUINDO UMA PROPOSTA DE TRABALHO
COM LIBERDADE**

RIO DE JANEIRO

MARÇO/2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

**ECONOMIA SOLIDÁRIA: CONSTRUINDO UMA PROPOSTA DE TRABALHO
COM LIBERDADE**

Orientadora: Professora Antonia Barbosa Pincano

Estefania Pereira da Silva

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

RIO DE JANEIRO

MARÇO/2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA: MONOGRAFIA II

PROFESSORA: LÍGIA MARTHA COIMBRA DA COSTA COELHO

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

PROF. Dr. PIETRO NOVELLINO

DECANO DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROF. Dr. LUÍS EDUARDO MARQUES DA SILVA

DIRETORA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO

PROF. Dra. MARIA AMÉLIA GOMES DE SOUZA REIS

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

PROF. Dra. CARMEM DIOLINDA SANCHES SAMPAIO

ORIENTADORA

PROF. Ms. ANTONIA BARBOSA PINCANO

DEDICATÓRIA

Ao meu querido "Tio Chico", (*In Memoriam*) grande amigo e incentivador que infelizmente não está aqui para dividir este momento comigo, mas, certamente estaria tão feliz quanto eu por mais esta conquista.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, saúde e força.

A minha família, pelo incentivo.

A minha avó Francisca e a minha tia Eliane, que me "financiaram" longos anos de estudos e me fizeram chegar até a universidade.

A Professora Antonia Pincano, pelas pistas e por sua amizade.

Aos meus amigos do NEPEJA por terem dividido comigo os "eternos" dias de stress.

SUMÁRIO:

1-Introdução.....	08
2-Referenciais Conceituais.....	11
3--Alguns importantes pensadores e o mundo do trabalho.....	14
4-Breve panorama histórico sobre o trabalho.....	17
4.1-Século V e IV a.C.	17
4.2-Idade Média.....	18
4.3-Industrialismo.....	20
4.4-Liberalismo.....	22
4.5-Taylorismo.....	23
4.6-Fordismo.....	24
4.7-Nazi-fascismo.....	24
4.8-Toyotismo.....	25
5-Causas da crise do trabalho.....	27
6-Economia Solidária: um modo de produção e distribuição.....	30
6.1-Bases ideológicas da ES.....	31
6.2-A ES no Brasil.....	33
6.3-A ES como princípio educativo.....	34
6.4-Analisando algumas experiências.....	37
6.5-Autogestão.....	38
6.6-Organizações solidárias: a reconstrução das competências.....	39
6.7-A consolidação da ES.....	40
7-A cultura do consumo e o fortalecimento do consumo ético.....	43
8-A reconstrução da identidade no mundo do trabalho.....	46

RESUMO???

Não basta ensinar ao homem uma especialidade, porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que [cultive] um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é [eticamente] correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado, do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos [seres humanos], suas angústias, para determinar com exatidão seu lugar preciso, em relação a seus próximos e a sua comunidade.

(Estudo Socioeconômico do Tribunal de Contas do Estado do RJ)¹.

¹ Secretaria Geral de Planejamento. Publicado em Outubro de 2002. Município de Belford Roxo, p.23.

1-Introdução

O trabalhador só se sente consigo mesmo fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Ele está em casa quando não trabalha, quando trabalha não está em casa. Seu trabalho, por isso, não é voluntário, mas constrangido, é trabalho forçado. Por isso, não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer necessidades exteriores a ele mesmo. A estranheza do trabalho revela sua forma pura no fato de que, desde que não exista nenhuma coerção física ou outra qualquer, foge-se dele como se fosse uma peste. (Karl Marx – Manuscritos Econômicos – Filosóficos, 1844. In: Grupo Krisis- Manifesto contra o trabalho).

Coerção, sacrifício, assim alguns ainda vêem o que deveria “engrandecer o homem”. A casa não é lugar de trabalho e o local de trabalho não é prazeroso como a casa. O desejo desesperado pelo fim de semana prova que o indivíduo que trabalha não é o mesmo que descansa. Eterna contradição que a sociedade burguesa introjetou com sucesso. A “Cultura da Fábrica” sobrevive mergulhada em horários não flexíveis, produção maximizada, subordinação e centralização, impedindo os homens de pensar, autorizando-os apenas a obedecer e produzir.

A palavra trabalho, então, passa a definir qualquer atividade que exija mais concentração, mais seriedade, até mais dor, como por exemplo, o ato de parir. Após nove longos meses de peso, cansaço e espera, a mulher entra em horas tensas de dor e ansiedade, inicia o “trabalho de parto”.

Esta palavra em sua origem está ligada a um estado de miséria e pobreza. Seja a palavra latina e inglesa *labor*, a francesa *travail*, a grega *ponos* ou a alemã *arbeit*, todas elas sem exceção, assinalam a dor e o esforço inerentes à condição do homem e, algumas como *ponos* e *arbeit* têm a mesma raiz etimológica que pobreza (*penia* e *armut*, em grego e alemão, respectivamente). Ou seja, trabalho ainda é

associado à pobreza, como diz o ditado popular: “Quem trabalha nunca tem dinheiro”.

Na tentativa de retirar o indivíduo desta opressão, alguns autores como Domenico de Masi e Paul Lafargue acreditam que é preciso pôr fim ao trabalho para que o homem possa se realizar plenamente. Afirmam que o verdadeiro prazer e o verdadeiro tempo livre estão no não-trabalho. Propõe-se a sociedade do ócio, porém, esta sociedade é incompleta e não responde aos anseios da humanidade. Após séculos de trabalho forçado, o homem tornou-se um “*animal laborans*” e, não saberia viver sem trabalho. Domenico de Masi (2003), sociólogo italiano propõe o ócio criativo (criatividade+alegria+força física+recursos intelectuais+energia+vontade). É possível valorizar toda a riqueza que esconderam por trás do conceito de trabalho, e começar a incentivar os cidadãos/cidadãs a repensarem o significado deste precioso vocábulo.

Uma alternativa ao massacre diário é o trabalho humano que permite que o homem se modifique, amplie suas capacidades, aprenda e aprimore o seu fazer vendo não só ele, mas todo o coletivo. Trabalho é criação e quanto mais a pessoa se realiza com o seu trabalho, melhor ela trabalha, fica mais produtiva e se empodera¹ do processo. Logo, a proposta não deve ser a de acabar com o trabalho, mas retirar dele esta dimensão opressora e alienante, que define o trabalho heterônomo, e, alcançar a sociedade do trabalho emancipado e libertado, a

¹ O conceito de “empowerment” ou “empoderamento” é um processo de organização de pessoas visando à autogestão e que implica o comprometimento simultâneo coletivo/individual. Os trabalhadores se sentem responsáveis pelo que fazem e trabalham juntos para melhorar continuamente, visando aperfeiçoar sua convivência e suas produções. “Empoderar”, portanto, passa pela conquista de poder, entendido como a autonomia sobre os rumos e processos que influem na vida de uma pessoa ou de um grupo. Não se trata apenas de conhecer direitos e exercê-los, mas também de construir novos direitos, influir em políticas públicas, etc.
Ver Romano, Jorge. *Empoderamento e direitos no combate à pobreza*, 2002.

sociedade do trabalho autônomo, onde os indivíduos exercem livremente suas atividades.

Concordando com esta proposta está a Economia Solidária (ES), também conhecida com várias nomenclaturas como: Economia Social, Socioeconomia Solidária, Humanoeconomia, Economia Popular e Solidária. A Economia Solidária² pretende superar o capitalismo opressor e excludente através da valorização social do trabalho humano com seu saber e criatividade, buscando qualidade de vida e de consumo, unidade entre saber e produção, empoderamento, democracia (a real, a participativa), autonomia e autogestão.

- apresentou o tema, mas deixou de apresentar o trabalho para o leitor ~~mas~~ ao ~~mas~~ indicar o viés analítico (como o tema será abordado) e o que o leitor vai encontrar em cada capítulo.
Volúvia

² Economia fundada na cooperação solidária e integrada à economia de mercado, utilizando uma lógica não-mercantil.

2- Referenciais Conceituais

A fundamentação teórica escolhida para inspirar este trabalho monográfico é baseada nas pesquisas de Paul Singer, do educador Paulo Freire, estudiosos que pesquisam o mundo do trabalho. Assim como a proposta do indiano Amartya Sen.

Sen analisa o desenvolvimento como expansão das liberdades que as pessoas desfrutam. Há desenvolvimento quando as pessoas têm liberdade política, econômica, quando podem usar de forma satisfatória os serviços públicos e dispõem de boa saúde, educação básica, incentivo e aperfeiçoamento de iniciativas.

A liberdade é a principal finalidade do desenvolvimento. De nada adianta a industrialização e a modernização social se ainda há pessoas que não têm suas necessidades básicas resolvidas como acesso à água tratada, saneamento básico, educação, acesso a remédios, vestimenta, moradia e transporte.

O mundo atual nega liberdades elementares a um grande número de pessoas, entre elas a liberdade de participar do mercado de trabalho, o que gera privação econômica, que gera pobreza, que por sua vez vem acompanhada de redução de desejos pessoais, de falta de ambição, apatia, acomodação e resignação. É o "núcleo duro" da pobreza que não reage e só consegue ser beneficiado por transferência de renda pura e simples(LIMA, s/d).Este quadro resulta em pessoas indefesas e violadas em outros tipos de liberdade.Neste mercado de trabalho excludente, a ética é reduzida a uma questão técnica negando-se valores éticos universais, incluindo-se aqui o direito a vida e ao trabalho como bem supremo.

Amartya Sen afirma que a grande questão não é a possibilidade de "viver para sempre", mas viver uma extensa vida de qualidade. Viver dando sentido as

coisas, valorizando e tomando posse do que nos identifica como sujeitos ativamente envolvidos na concretização do próprio destino, e destaca a grande importância dos empreendimentos econômicos associativos como fator de mudanças sociais, não apenas em termos de benefícios econômicos, mas no modo de pensar das pessoas envolvidas. Talvez o esforço para o restabelecimento da junção entre ética e economia contribua para vislumbrar novas perspectivas teóricas e práticas que se referem ao que chamamos de Economia Solidária.

A discussão sobre liberdade e desenvolvimento que Sen desenvolve, passa pela reflexão sobre a identificação com o trabalho, sobre a questão da remuneração e do gerenciamento do lucro, ou seja, a boa utilização de riquezas.

“A vida empenhada no ganho é uma vida imposta, e evidentemente a riqueza não é o bem que buscamos, sendo ela apenas útil e no interesse de alguma coisa”. (Sen, 2000, p.28)

Boa utilização das riquezas gera o consumo ético e solidário, mas isso só é possível a partir de uma reflexão sobre o trabalho e da valorização do trabalho humano livre. Sen interliga cinco tipos de liberdade que, conjugadas, visam promover a capacidade geral de uma pessoa, a seguir referenciados:

- 1-Liberdade Política | oportunidade de decidir quem governa, princípios, escolha de partidos políticos, fiscalização e críticas as autoridades. É a democracia em seu sentido mais abrangente.
- 2-Facilidades Econômicas | meio como os recursos econômicos são utilizados, seja consumo, produção ou troca.
- 3-Oportunidades sociais | condições que a sociedade oferece nas áreas de saúde, educação, etc...as quais influenciam a liberdade substantiva do indivíduo e ele vive melhor.

4-Garantias de transparência/necessidade de sinceridade entre as pessoas. Liberdade de se relacionar com o outro com a garantia de clareza e respeito, visando negar a corrupção, a irresponsabilidade financeira e transações ilícitas.

5-Segurança protetora/segurança de apoio social, benefícios aos necessitados sejam desempregados, desabrigados ou famintos.

Esta proposta teórica pressupõe a necessidade do ser humano ter liberdade de fazer o que gosta. Nesse sentido, o trabalho deve ser um caminho de ampliação/ desenvolvimento das pessoas. A arte de trabalhar deve estar conciliada a arte de bem-viver.

3-Alguns importantes pensadores e o mundo do trabalho

G.W.F. Hegel (1770-1831 - idealista alemão) e a questão do trabalho

Hegel expressa uma concepção nova do trabalho humano já em seus primeiros escritos. O trabalho, para ele, é uma criação humana que aproxima subjetivo e objetivo, particular e geral e também homens e objetos. Pode-se afirmar sem hesitação que um instrumento de trabalho possibilita ^{ao} o homem expressar sua racionalidade, sua capacidade de reflexão, ^é é mediador entre o homem e a natureza, já que trabalho é processo de transformação. O animal simplesmente devora a natureza, o objeto. O homem o transforma antes de consumir.

A produção do objeto pelo homem é, na verdade, uma autoprodução. Quando produz, o homem se reconhece, é reconhecido e reconhece a relação de dominação em que se dá a sua produção. A relação entre os homens e os objetos através do trabalho com o uso dos instrumentos, cria a relação dos homens com os homens mesmos.

Em sua obra *A Fenomenologia do Espírito* (1807), Hegel aprofunda o conceito do trabalho e fortalece seu papel na formação do homem. *A Fenomenologia* é uma história da consciência humana e de suas relações com o mundo e os objetos reais que Hegel vê como história do espírito de que o homem é portador.

Este filósofo sublinha com relevo a fase da autoconsciência: o saber de si mesmo, a consciência de si mesmo. A autoconsciência só é autoconsciência na medida em que outros a reconhecem. Um homem só satisfaz seu desejo, suas carências humanas quando outro homem seu igual reconhece o seu valor humano. O indivíduo só é propriamente indivíduo, e indivíduo humano, quando está em comunidade. Quando faz uso do instrumento, o trabalho que desenvolve e o que

produz, em comunidade, faz com que os outros o reconheçam como indivíduo humano.

No pensamento de Hegel, o trabalho, atividade prática material produtiva é um processo através do qual o sujeito vai se elevando até atingir sua plena consciência.

Em Hegel, fica claro o aspecto positivo do trabalho, onde na formação/ transformação das coisas, forma-se o próprio homem. No ócio, à margem do trabalho, não existe homem propriamente dito.

Na relação senhor X escravo, o senhor é o homem que leva até o fim a luta pelo reconhecimento arriscando sua vida. O escravo é o homem que recua na luta e renuncia a ser reconhecido, por medo da morte. Porém, transformando a natureza, o escravo reconhece a sua própria natureza, enquanto o senhor, por nada criar, por não transformar coisas, não se transforma a si mesmo e não se eleva como ser humano.

Charles Fourier (1772-1837 - socialista utópico)

Fourier considera o trabalho como realidade que, de sofrimento e pena, deve se tornar uma atividade associada ao prazer.

No mundo novo de Fourier os homens seguirão o princípio natural universal das atrações também na atividade produtiva, e se dedicarão ao trabalho "atraente".

O que é trabalho "atraente"? É o trabalho saudável, realizável, se possível ao ar livre, ou pelo menos com muito espaço, variável conforme as estações e suas variações climáticas, e conforme o fruto colhido, aspectos de valor para este autor.

Karl H. Marx (1818-1883)

Para Marx, a essência do ser humano está no trabalho. O que os homens produzem é o que eles são e o homem pode se transformar através do trabalho. O homem deixa de ser escravo da natureza, e pode ajustá-la à sua necessidade.

O homem é um ser que antecipa, que faz projetos. Antes da atividade propriamente dita, o homem já tem em mente o produto acabado. No entanto, a produção industrial mecanizada aliena e desumaniza o homem porque o impede de antever o seu produto em sua totalidade, pois só quem tem a totalidade do produto é a máquina que o trabalhador não domina totalmente.

Para Marx, o trabalho assume duas dimensões distintas e articuladas: trabalho como mundo da necessidade e trabalho como mundo da liberdade. O primeiro está subordinado à resposta das necessidades imperativas do ser humano enquanto um ser histórico natural. É a partir da resposta a estas necessidades imperativas que o ser humano pode fruir do trabalho propriamente humano – criativo e livre.

“O trabalho, como criador e valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência o homem – quaisquer que sejam as formas e sociedade – é necessidade natural e tema de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto de manter a vida humana”. (Marx, 1982, p.50).

Situando nossos referenciais nesta primeira parte do estudo e, para aprofundar nossa discussão sobre o tema em questão, consideramos de precípua importância realizarmos também uma análise sobre alguns elementos históricos que além de contextualizar nossas reflexões, são de grande relevância para o conjunto desse trabalho.

(*) Estefânia: suas afirmações são incorretas e a relação das duas primeiras, a ^{idéia} ~~consequente~~ seguinte (3) é incorreta.

a) "não havia incentivo à pesquisa": o modo de conhecimento ~~de~~ na Grécia antiga ~~educada~~ é diferente do moderno. Pesquisa e observação aconteciam, porém não conforme o modelo de conhecimento moderno, que privilegiou o experimento (a pesquisa experimental) e a quantificação. Se você quis afirmar isto, você não afirmou.

b) "não havia incentivo à criação de máquinas": uma vez que o modo de conhecer na época não houve condições propícias para a criação de maquinário e nem mesmo sua necessidade foi sentida.

c) "já que a mão de obra era abundante": as máquinas não foram criadas pq. a mão-de-obra era abundante e sim devido ao modo de conhecer.

faltou estabelecer a relação entre as partes 3 e 4.

4-Breve panorama histórico sobre o trabalho

4.1- Século V e IV a.C.

Na civilização grega, apenas alguns tinham o privilégio de serem chamados "cidadãos". A separação entre a classe dos cidadãos e as demais classes se produzia no plano político.

A escravidão era tida como natural. As tarefas braçais eram realizadas pelos escravos, permitindo assim que a elite pudesse se ocupar melhor dos assuntos da cidade, dos prazeres do corpo e do espírito e do estudo. Os gregos defendiam a idéia de que os escravos eram desprezíveis, não porque trabalhavam, mas, porque tinham se rendido nas guerras e não tinham lutado o suficiente pela liberdade.

O exercício da cidadania exigia que o cidadão estivesse livre de atividades. Na *República* de Platão (427 – 347 a.C.), a sociedade precisava de divisão de trabalho para uma maior harmonia. Assim, competia ao escravo a atividade necessária para a manutenção da cidade e aos cidadãos, as obrigações políticas.

O trabalho na visão grega estava relacionado à rotina, ao contato das mãos com ferramentas simples, sem necessidade de técnica ou criatividade, por isso era tratado com descaso pelos cidadãos, afinal um trabalho tão monótono poderia causar danos físicos e até fraqueza de mente, dificultando o pensar e atrapalhando o ócio criativo. E, ócio (*otium* em latim), significa "estar livre da necessidade de estar ocupado", é ausência de preocupações e cuidados. Para o grego, era a contemplação que favorecia o pensamento e o questionamento filosófico.

O avanço na filosofia, nas artes e na política é fato na sociedade grega, porém, não havia incentivo à pesquisa e à criação de máquinas já que a mão de obra era abundante. Deste modo, havia uma baixa produção e um custo alto com exércitos para conter rebeliões dos escravos.

← ver ~~para~~ verso da página anterior.

Hesíodo é anterior a Platão.
Oreio que este pensamento deve estar
antes da referência a Platão.

O poeta grego Hesíodo, no século VII a.c, defendia o trabalho afirmando ser este "o único meio de fazer reinar a ordem e salvaguardar a justiça". (Carmo, 1992, p.20).

Para os romanos, o trabalho era indispensável para o gozo do ócio. Para os filósofos estóicos austeros e moralmente rígidos, o tempo livre deveria ser efetivado com seriedade, não era estar livre do trabalho, mas um repouso necessário para recuperar energias e poder voltar bem para o trabalho. Não era como a contemplação grega, era um descanso merecido.

? é a Alta Idade Média (século IV ao IX)?

4.2- Idade Média (Século IX a XVII) Por que os séculos XV, XVI e XVII estão situados na Idade Média? A partir de qual referência você fez esta demarcação?

Na Idade Média, agrícola, a posse da terra significava liberdade e poder. A grande maioria era juridicamente livre, mas, vivia como os simples escravos. *M. pelo menos na Europa ocidental não havia escravos. Então, se a*

A sobrevivência da família e o pagamento de tributos do servo ao senhor *vidu e* exigiam trabalho. A produtividade era baixa porque não havia mercado para o excedente. *do que* As atividades tinham ritmo peculiar: o período das chuvas, as estações *estava p* do ano e os ciclos. *de que servivo* Idade Média. *não há como afirmar tal ideia para todos os séculos da*

A Igreja criticava o apego demorado ao trabalho porque acarretava o esquecimento da adoração a Deus e, apesar ^{do} do trabalho ter um sentido disciplinar, mantinha as pessoas ocupadas, as afastava das tentações e do pecado (que seria produzido na "mente vazia"). *qual é a base bibliográfica para fundamentar este argumento?*

São Tomás de Aquino (1225-1274) concebia o trabalho pela lente da moral e da teologia. O indivíduo devia ocupar seu lugar especial na economia das coisas. A criação divina pode ser refletida e prolongada pelo trabalho humano. Para este pensador, o trabalho serviria para suprir necessidades humanas e, não haveria a obrigação do trabalho, caso houvesse condições de subsistência.

1) veja o curso da página anterior.

não havia esta denominação na Idade Média. A distinção difereu-se a que o termo católico introduz e que você está utilizando 85

Neste período, a contemplação se vincula à aproximação de Deus. Os católicos defendiam a idéia de um mundo injusto e desigual e, a igualdade e a justiça estariam reservadas para um futuro reino divino, que deveria ser buscado

com afincos
"ACHISMO"!!!
Reforma de Lutero. A cristandade ocidental (latina) é católica no sentido de universal, mas o termo usado e cristandade, logo, cristanicamente, logo, cristão

cedo e dividiam suas horas do dia com orações, cânticos e também trabalhos manuais. Emerge a necessidade do relógio para regular o tempo das obrigações diárias, os poucos relógios que haviam eram imensos. Alguns eram colocados nas torres das igrejas para que os moradores controlassem o tempo. Não havia um ritmo

frenético de pessoas, as pessoas não trabalhavam mais que metade dos dias do ano e também haviam muitos feriados e dias santos. isto não ocorreu na Idade Média

Os aristocratas consideravam o trabalho indigno para o homem de qualidade, que se dedicava ao pensamento, a direção dos negócios políticos e religiosos a gestão de bens e, eventualmente, a transações financeiras. Um bom exemplo, em época mais remota, foi Aristóteles (384-322 a.C) que entendia que para conseguir cultura era preciso ser rico e ocioso, sendo, portanto, necessária à escravidão de muitos e, o filósofo Descartes (1596-1650) que se gloriava de não precisar fazer da ciência seu ofício, porque tinha sua fortuna.

Ócio, nesta fase, significava abster-se de ofícios manuais e ocupações mecânicas e dedicar-se à guerra, a política, ao esporte, a cultura e ao sacerdócio.

Os ociosos precisavam ser e parecer poderosos para os trabalhadores. Além de se isentarem de trabalhar, consumiam itens supérfluos e tinham costumes requintados para impressionar a sociedade.

Esta situação se modifica com o desenvolvimento do trabalho livre, o crescimento das cidades e a criação das pequenas fábricas. Com o Renascimento

- sobre Trabalho na Idade Média inclio a leitura de "A bolsa e a vida" Idade Média, Idade dos Homens

- ler também A história da riqueza dos homens, de Weber

(Século XV e XVI) houve a admiração do trabalho e do seu valor, principalmente o artesanal e o artístico.

A produção familiar se organizou em corporações (união de artesãos) e ^{esta organização se estava se dando desde antes do Renascimento. Precisar ~~estudar~~ historicamente melhor} buscou mercados não muito longe das oficinas. Vendiam o produto e não a força de trabalho porque tinham as ferramentas e dispunham de matéria prima.

A Reforma Protestante (século XVI) transformou o sofrimento oriundo do trabalho em motivo de orgulho e sacrifício. O sociólogo alemão Max Weber (1864-1930) que estudou a ética protestante, comprova a relação entre a idéia protestante de "vocação" e a compulsão para o lucro, já que a riqueza não era condenável se o gasto fosse com o necessário para a subsistência pessoal e o restante fosse poupado ou investido. O desfrute dos bens e o lazer eram condenáveis porque seria desperdício de tempo, que era uma dádiva de Deus. Trabalhar era a finalidade da vida e a acumulação de capital passou a ser dever do indivíduo. Era a preparação da sociedade para a arrancada econômica que viria mais tarde.

A falta de poder para centralizar o excesso de leis, os impostos e taxas cobradas por feudos, a Peste Negra e as fugas dos camponeses para as cidades contribuíram para a derrocada do regime feudal. Nas cidades, as pessoas se fixavam em volta das igrejas e dos burgos (verdadeiras fortalezas que protegiam seus habitantes de ataques). Os burgueses passam a ditar os rumos dos acontecimentos e não mais os nobres.

~~Até prova~~ este acontecimento ~~imp~~ foi resultante de um longo processo histórico que não pode ser condensado nesta frase, sob pena de incorrer em graves problemas históricos.

4.3- Industrialismo

Os operários das primeiras fábricas tinham muita recusa ao trabalho porque trabalhavam durante todo o dia fazendo os mesmos movimentos, sob uma rígida disciplina em locais muito frio e barulhento, sem estética, sem ar, sem luz apropriada

de quando?
esta disciplinização e repetição passam a acontecer ~~cl~~ a reforma taylorista-fordista, nos fins do século XIX.

e sem higiene. Estes operários eram camponeses e artesãos que não estavam acostumados ao ritmo acelerado que as fábricas exigiam. Antes não tinham chefe porque trabalhavam em suas casas e ditavam seus horários com suas famílias além de terem o controle total da produção.

Para forçar as pessoas a trabalhar, disseminou-se a idéia de que quem não trabalhava era vadio e, os indolentes eram penalizados. Na Inglaterra, por exemplo, o operário que abandonasse a fábrica arriscava-se a ser preso. *quando?*

A loucura e a pobreza no século XVI eram consideradas atos de Deus e os cristãos que ajudavam aos pobres e loucos estavam praticando caridade. Já no século XVII não trabalhar significava desafiar a Deus, que não teria criado o homem para a vida do ócio.

No século XVII são criados as *Wokhouses* na Inglaterra e os internatos na França, que eram locais de correção. Os internos eram mão de obra barata, ocultados para evitar transtornos políticos e sociais, *é que* eram obrigados a trabalhar.

Em meados do século ^{XIX}~~XI~~, percebeu-se que as casas de correção haviam fracassado, *segregar* todos os indolentes no mesmo local havia contribuído para a formação de uma "classe" que impedia o perfeito convívio social. Estas casas, então, passaram a abrigar prioritariamente os loucos. Nessa época, o operário francês passa a ter carteira de trabalho e assim poderia ser mais bem controlado pela polícia.

Para movimentar a economia industrial, explorava-se homens, mulheres e crianças. Os operários eram obrigados a trabalhar com regularidade obedecendo ao ritmo das máquinas que exigiam apenas destreza e atenção e não qualificação, o que encareceria a produção.

(*) ~~Até onde~~ Os rituais não eram formados
para ~~controlar~~ ^{vigiar} ~~os~~ trabalhadores, tal como você
afirma. O sacramento da confissão não tem este
objetivo. No máximo pode-se falar em vigiar ou
controlar consciências de um modo em geral,
mas não especificamente as consciências dos
trabalhadores para que eles "não revelassem seus
descontentamentos".

No mínimo, seria necessário entender melhor
a estrutura e o objetivo do sacramento da confissão.

A Igreja Católica também formava religiosos ⁽¹²⁾ para serem vigias de trabalhadores a fim de que estes não revelassem seus descontentamentos, não criticassem e não fizessem reivindicações.

A religião cristã ainda ^{agora} aparece como remédio para as tristezas sociais, todos deveriam estar felizes com a condição de vida que Deus havia lhe dado. ????

4.4- Liberalismo

A ideologia liberal ~~que~~ se pautava na exclusão do Estado da economia e exaltava os direitos individuais e a liberdade que o cidadão tinha para vender sua força de trabalho. Os liberais defendiam mais os interesses da propriedade do que o cidadão, que só possuía sua força de trabalho para vender.

Para o economista Adam Smith (1723-1790), "o trabalho passa a ocupar o primeiro plano na conquista de riquezas. Ele constata que a riqueza dos países não reside no ouro, na prata ou na agricultura, como era a tendência do pensamento no século XVIII, mas no trabalho, capaz de transformar matéria bruta em produtos com valor de mercado". (Carmo, 1992, p.37)

O progresso do capitalismo³ disseminou o falso argumento da necessidade de se levar este modelo aos "selvagens", ^{do ocidente} seria a missão de levar até aos não civilizados os avanços culturais, religiosos, morais e econômicos. Na verdade, queriam escoamento de capital, mercado e mão-de-obra barata.

³ Capitalismo é o sistema econômico que se caracteriza pela propriedade privada dos meios de produção -- máquinas, matérias-primas, instalações. Nesse sistema, a produção e a distribuição das riquezas são regidas pelo mercado, no qual, em tese, os preços são determinados pelo livre jogo da oferta e da procura. O capitalista, proprietário dos meios de produção, compra a força de trabalho de terceiros para produzir bens que, após serem vendidos, lhe permitem recuperar o capital investido e obter um excedente denominado lucro. (www.etda.hpg.ig.com.br/capitalismo.htm)

quem? de onde?

Os nativos não costumados com o trabalho regular e obrigatório achavam anormal a obsessão dos europeus pelo trabalho e, ao se conscientizarem da exploração, partiam para movimentos de independência, buscando autonomia política e econômica.

quando? onde?

4.5- Taylorismo

Frederick W. Taylor (1856-1915) venerava o trabalho e através de suas idéias , visando a adoção de métodos e normas para aumentar o rendimento de mão-de-obra, é que pela primeira vez, o trabalho recebe uma sistematização dos detalhes. É ele quem organiza o trabalho. Saindo das fábricas e chegando no trabalho intelectual, o taylorismo se transformou em uma técnica social de dominação. Esta técnica visa a maior produção evitando desperdícios de tempo, de movimentos e mão de obra. Os movimentos eram ritmados, cada operário realizava um trabalho diferente do operário vizinho e não havia trabalhos em grupo para evitar o corporativismo e conversas que acarretariam a queda da produção.

Taylor acreditava que se os operários tivessem autonomia, o trabalho seria uma desordem total, por isso acentuava a separação entre trabalho intelectual (planejamento, concepção e direção) e trabalho manual (execução) dentro do processo produtivo. Não dominando a totalidade do trabalho, o operário desenvolvia sua atividade de modo monótono e desinteressado. A intenção era mesmo a de retirar o saber para enfim, retirar o poder de força na luta pela conquista de melhores condições de trabalho.

4.6- Fordismo

Henry Ford (1863-1947) elevou o grau de mecanização do trabalho transportando as peças até os operários e evitando o movimento até de um pequeno passo para alcançar as peças. A repetitividade dos movimentos e o tédio de terem de ficar o dia todo calados tornava o trabalho insuportável para os trabalhadores. Assim, a rotatividade de mão de obra era grande e Ford então triplica os salários. Esta medida foi um marco nas remunerações de trabalho.

O Taylorismo e o Fordismo foram criticados, entre outras razões, por preocuparem-se apenas com aspectos formais como, por exemplo, a hierarquia, o fator salário por produção ou a resistência física para uma jornada longa e estafante – questões insuficientes para solucionar as causas da apatia, o tédio, as tarefas despersonalizadas, a desatenção no trabalho e o conflito entre o trabalhador e a organização -. O esgotamento desses métodos promoveu a revalorização da força de trabalho, como saída para se evitar a crise de produção. As empresas preocupadas com o controle de qualidade passaram a incentivar a atuação dos empregados dentro do local de trabalho.

4.7- Nazi-Fascismo (1889-1945)

qual símbolo? O símbolo 19 ou o 20? *de onde você retirou esta periodização? Por que você a escolheu?*

Neste século, o trabalho deixa de ser importante somente para o empresário e conquista o interesse do Estado. Excluir o trabalhador da riqueza da produção pode abalar a estrutura do poder de um país, com descontentamento e revoluções.

O fascismo foi um movimento de massa com seguidores de todas as classes, inclusive os operários e os trabalhadores do campo. O nazi-fascismo sutilmente enfraquecia a luta dos socialistas com a glorificação da pátria e a inviolabilidade da propriedade privada. Aos trabalhadores impunham ordem e disciplina pelo controle

absoluto e arbitrário do Estado. Em 1933, na Alemanha, a ditadura de Hitler é consolidada.

O Estado nazi-fascista promovia atividades culturais e recreativas para os trabalhadores, marchas e desfiles pomposos visando reprimir ressentimentos e impulsos contestatórios oriundos da exploração que sofriam. Nestes operários eram inculcada a idéia de que eles eram responsáveis pelo enriquecimento da nação, e eles eram tidos como soldados do *front*. Toda essa militarização resultou nos campos de concentração e nos trabalhos forçados. "Quando o regime veio abaixo, o mundo pode ler o que estava escrito na porta de entrada do campo de concentração de Auschwitz⁴:" Só o trabalho liberta." (Carmo, 1992, p.51).

a questão dos campos de concentração e dos trabalhos forçados é muito mais ampla do que a militarização. Isto deveria ser, pelo menos, indicado.

4.8- Toyotismo (Anos 70 e 80)

Modelo japonês que possibilita ao capital apropriar-se do saber e do fazer do trabalhador. Na visão toyotista, o trabalhador "deve pensar e agir para o capital, para a produtividade, sob a aparência da eliminação efetiva do fosso existente entre elaboração e execução no processo de trabalho. Aparência porque a concepção efetiva dos produtos, a decisão do que e de como produzir não pertence aos trabalhadores. O resultado do processo de trabalho corporificado no produto permanece alheio e estranho ao produtor, preservando, sob todos os aspectos, o fetichismo da mercadoria..." (Antunes, 1995 p. 34).

O Toyotismo trabalha com promessas que parecem apontar para o desaparecimento do trabalho alienado, brutalizado, especializado e desmotivante,

⁴ No Complexo de Auschwitz, no sul da Polônia, Junto à cidade de Oswiecim, na Alta Silésia, as estimativas mais confiáveis indicam que tenham sido exterminadas entre 1,3 milhão e 1,5 milhão de pessoas em câmaras de gás. Este foi o maior entre 2 mil campos de concentração e trabalhos forçados construídos pelos nazistas. Ali foram mortos cerca de 1,5 milhão de judeus (25% do total de judeus mortos na guerra), 150 mil poloneses, 23 mil ciganos e 15 mil soviéticos.

mas, o segmento aos objetivos desta reorganização, é a extração da mais valia (exploração dos assalariados pelos capitalistas) absoluta, relativa e parcial.

*1 A expressão 'Ano Dourado' remete-nos aos anos 50 e mais a década de 1970. Este período é conhecido como a época do "Milagre Econômico".

*2 A Globalização é muito mais do que isto.

Creio que os conceitos indicados por P. Singer (3ª Rev. Industrial, Globalização e Neoliberalismo) são os conceitos relevantes para você apresentar, posteriormente, a Economia Solidária como uma via alternativa ao momento da crise do trabalho.

Estes conceitos são apenas citados e não trabalhados de modo mais profundo, o que faria com que ficasse mais clara a crise no trabalho.

Faltou estabelecer a relação entre a parte anterior e a que está vindo - quando.

ver o verso ab. página anterior.

5-Causas da crise do trabalho

Até os anos 70, o capitalismo proporcionava o pleno emprego. Eram os "Anos Dourados", com 80% da população economicamente ativa empregada formalmente e usufruindo os direitos trabalhistas conquistados pelo movimento operário. Mudanças políticas, econômicas e sociais transformaram tudo isso em exceção.

Paul Singer no artigo "Crise do Trabalho e Economia Solidária" aponta as três causas específicas que geraram a crise do trabalho como se vê hoje: *o que foi ela? Quando ela ocorreu?*

A primeira delas é a chamada Terceira Revolução Industrial, (a Primeira foi a da máquina a vapor no século 18, a Segunda foi a do motor, da explosão, da energia elétrica, da química, nos séculos ^{19/20} 19 e 20). A computação, os satélites unificaram a comunicação, facilitaram a possibilidade de negociar, gerir e conviver mesmo em grandes distâncias. Em contrapartida, milhões de pessoas foram dispensadas e a inteligência artificial ocupou este lugar produzindo com menos custo.

Enquanto a Segunda Revolução Industrial aproximou as pessoas com a invenção de produtos como o automóvel, o avião e outros, a Terceira Revolução Industrial distanciou-as com o microcomputador e a Internet, além de incitar o consumo:

"Existe um pensamento quase instituído pela sociedade de que o cidadão deve trabalhar para o consumo de tudo, inclusive de seu tempo livre". (Bramante, A.C., Nova Escola 2002, p.15). *mas está na bibliografia.*

A Segunda causa analisada por Singer é a Globalização, processo que elimina fronteiras nacionais. No Brasil, ~~esta~~ abertura de mercado interno ocorreu a partir dos anos 90. Isto resultou no desaparecimento de setores industriais do mapa econômico do país. Outros setores também se prejudicaram com a gradativa entrada de produtos importados.

(*) Neste parágrafo há várias ideias que você sintetizou em frases e não há nenhuma indicação de onde (quais estudos, análises) você se baseou. Falta, assim, a fundamentação de suas afirmações. O trabalho monográfico demanda a fundamentação de seus argumentos.

Esta liberalização de fluxo de capital permite que multinacionais se instalem e organizem a geografia das suas atividades de acordo com o princípio de maximização de lucros ou a minimização de custos.

A Globalização em si não reduz o trabalho humano, mas o redistribui, acabando com áreas de tradição industrial, não fazendo substituição por outras atividades.

A terceira causa é o Neoliberalismo que articula a tese de que quem cuida do emprego é o mercado, e que desemprego não é problema, pois, por regra, o desemprego é voluntário. As pessoas estão desempregadas porque estão procurando uma melhor oportunidade. É a mercantilização total da força de trabalho.

Tudo isso conjugado gera um estado de empobrecimento e de perda de identidade. A identidade de uma pessoa está muito relacionada ao seu trabalho. Não criar vínculos por trabalhar em vários lugares não permite que a pessoa solidifique relacionamentos, avance na carreira, não permite que a pessoa se filie a uma categoria buscando e lutando por melhores condições de trabalho e construindo uma história dentro do lugar onde trabalha.

A crise do trabalho não gera só o desemprego e deficiência de renda, ela gera também doentes e insatisfeitos com a vida. Famílias são desestruturadas, pessoas ficam dependentes de álcool e tranqüilizantes. A autoestima é anulada, já que a todo instante se ouve que caiu o índice de desemprego, que tantos novos postos de trabalho foram abertos. Por outro lado, os suicídios também não são incomuns já que a maioria, por ter mais de 30 anos, já não tem a mesma chance de se recolocar no mercado de trabalho como os mais jovens. Há também um conseqüente gasto de dinheiro público na área da saúde. O desempregado não tem tempo livre, ocioso, ele



↳
 *
 Verso da
 página
 anterior
 ↓
 muitas
 ideias
 (afirma-
 ções)

sem fundamentação

sofre momentos de tensão e sentimento de fracasso. A idéia de tempo livre só tem sentido dentro de um contexto de emancipação social.

"Penso, por exemplo, naquele desempregado que, após haver escrito 130 cartas solicitando emprego, todas sem resposta, abandona sua busca, como que esvaziado de toda energia, de todo ímpeto rumo ao futuro... o terrível descanso que é o descanso da morte social".

(Bourdieu P., ano 4,2003,No.41)

Na sociedade capitalista o sucesso profissional é requisito para a integração social.

Tentando reverter esta exclusão renasce a Economia Solidária, após os socialistas utópicos com os *falanstérios*⁵ e o cooperativismo⁶, porque: "É justamente a falta de reações coletivas de mobilização que possibilita o aumento progressivo do desemprego e de seus estragos psicológicos e sociais, nos níveis que atualmente conhecemos". (Dejours, 1999, p.24).

⁵ Unidades agrícola-industriais de mais ou menos mil e seiscentas pessoas.

⁶ Sistema de caráter social e econômico, sem objetivo de lucro, geralmente destinado a organização dos setores de produção, consumo e crédito, podendo estender-se a outros campos de atividade, visando a realização de um programa comum anticapitalista e de combate ao monopólio.

6- Economia Solidária: um modo de produção e distribuição

(...) O desemprego de hoje certamente tem raízes tecnológicas, mas a causa imediata deve ser buscada no protecionismo exacerbado que aterroriza os empregadores. (...) Com as cooperativas, desaparecem, da parte das empresas, os gastos desnecessários, com chefias intermediárias, as perdas de tempo no trabalho, o desperdício de potencialidades, os passivos trabalhistas ocultos, os inconvenientes da rigidez e o custo evitável com contribuições improdutivas. (...) O trabalho cooperativo é um salto de qualidade nas relações sociais entre o "capital humano" e o financeiro, é a consolidação do sonho de ter-se organizações coesas, ágeis, eficazes, nas quais os resultados obtidos serão repartidos com justiça entre pessoas que desfrutam o pleno direito à cidadania. (Frigotto, 1998, p. 193).

Um dos modos de organizar a produção e a distribuição de bens e serviços é a produção simples de mercadorias. Os agentes possuem os meios de produção e de distribuição dos produtos e são eles mesmos quem comercializam estes produtos. Esses agentes são pessoas que trabalham em conjunto, por exemplo, na agricultura familiar, no artesanato ou em pequenos negócios.

O lucro resultou entre outros motivos, da concorrência na hora de distribuir e comercializar estes produtos. Aqueles que possuem acúmulo de renda se apropriam dos produtos daqueles que somente produzem, transformando-os em capital. A consequência foi: uma minoria com o poder, com muito capital e, uma maioria apenas com sua própria capacidade individual de trabalho.

Esta concentração de capital permitiu o investimento na indústria e a invenção e fabricação de novos meios de produção e de distribuição. A simples produção de mercadorias do artesão, do pequeno comerciante e do agricultor não desapareceu, mas, se tornou marginal e subordinada liberando assim mão- de -obra, que foi parcialmente absorvida pela economia capitalista.

Uma característica do capitalismo é absorver parcialmente a mão - de - obra disponível, já que às empresas capitalistas interessa que haja concorrência entre os vendedores da força de trabalho para que o custo caia. É formado, então, um exército de reserva mantido pelo seguro-desemprego, e a outra parte é obrigada a vender em algum mercado o fruto do seu trabalho.

A economia solidária surge em oposição ao capitalismo, propondo união entre posse e uso os meios de produção e distribuição com o princípio da socialização destes meios.

A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos **princípios organizativos** são:

- Posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir;
- Gestão democrática da empresa ou por participação direta (poucos cooperados) ou por representação (número maior);
- Repartição das "sobras" entre os cooperados por critérios aprovados por todos;

6.1-As Bases Ideológicas da Economia Solidária

A Economia Solidária é uma criação em processo contínuo de trabalhadores em luta contra o modo de produção capitalista.

A lógica da Economia Solidária condena a ditadura do capital na empresa porque ela faz com que o trabalhador: 1- obedeça fielmente às ordens do dono da empresa e não tenha direito (á) voz, nem à exposição de suas idéias, 2- entregue o

fruto do seu trabalho para ser propriedade do capitalista e, ele mesmo na maioria das vezes não dispõe do que produz; só tenha direito ao salário que foi estritamente combinado em contrato e aos seus direitos legais;

E fora da empresa, os capitalistas aumentam a cada dia seus ganhos e os trabalhadores só recebem para reproduzir sua força de trabalho cotidianamente, ou seja, para sobreviver.

A Economia Solidária vem sendo estudada, propagada e sistematizada há dois séculos e alguns resultados históricos podem ser elencados a seguir:

- Homens e mulheres têm se organizado não só para conquistar meios de produção mas, para poder competir com as empresas capitalistas;
- Pequenos produtores têm comprado e vendido juntos para aumentarem seus lucros e criarem empresas socializadas, onde eles são os donos;
- Assalariados têm comprado também em conjunto visando um desconto maior e melhor qualidade de vida;
- Pequenos produtores e assalariados têm reunido suas poupanças para obter empréstimos a juros mais baixos e poderem financiar empreendimentos solidários;
- Pequenos produtores e assalariados têm criado associações mútuas de seguros, cooperativas de habitação, etc...;

Todas estas iniciativas são de pessoas com escassas condições de sobrevivência que têm se organizado para unir forças e lutar pela melhoria de suas vidas.

6.2- A Economia Solidária no Brasil

A Economia Solidária assume força no Brasil a partir da Segunda metade dos anos 1990. A ANTEAG (Associação Nacional de Trabalhadores em Empresas Autogestionárias e de Participação Acionária), as cooperativas do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra), as ITCPs (Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares), a ADS (Agência de Desenvolvimento Solidário), entre outras, são fomentadoras de empreendimentos solidários no Brasil.

O entusiasmo e o empenho manifestado pelos trabalhadores não fica sem recompensa. Para pessoas humildes, que sempre foram estigmatizadas por serem pobres, a experiência cooperativa apresenta verdadeiro resgate da cidadania. Ao integrar a cooperativa, muitos experimentam pela primeira vez em suas vidas o gozo de direitos iguais para todos, o prazer de poderem se exprimir livremente e de serem escutados e o orgulho de perceber que suas opiniões são respeitadas e pensam no destino do coletivo.

Diante deste contexto, é possível considerar a organização de empreendimentos solidários o início de revoluções locais, que mudam o relacionamento entre cooperadores e destes com a família, vizinhos, autoridades públicas, religiosas, intelectuais, etc. Trata-se de revoluções tanto no nível individual como no social. Os Empreendimentos em Economia Solidária passam a ser referências de organizações democráticas que contrastam com modelos hierárquicos e autoritários.

6.3- A E.S. como princípio educativo

A Economia Solidária tem mostrado que há um crescimento pessoal daqueles que se envolvem nesta atividade. O interesse em manter as obrigações financeiras com casa e família aliada à capacidade excepcional inerente a todos os homens de aprender e inovar tem feito com que várias pessoas ingressem em associações, em organizações autogestionárias e formem organizações solidárias. Estas pessoas têm percebido que sua libertação enquanto cidadãos começa pelo trabalho. Começa pelo que os caracteriza, pela capacidade que tem de produzir, e produzir conhecendo o consumidor, suas necessidades, atendendo aos interesses da comunidade onde está inserido. São práticas participativas que exigem a construção de um processo dialogal permanente.

As experiências em Economia Solidária são experiências educativas de grande importância onde se compartilham mudanças de qualidade das condições e das relações de trabalho. São muitas as transformações que ocorrem com as pessoas inseridas nesta nova forma de organização do trabalho. Por exemplo:

- O Aprendizado mútuo – Há socialização entre conhecimento técnico, conhecimento administrativo e conhecimento prático, um relacionamento amigável dentro da organização/empreendimento onde todos têm a aprender com todos, o conhecimento de um não é mais importante que o do outro, apenas por causa de um diploma. É claro que há situações, há trâmites que exigem uma qualificação mais especializada, mas este aspecto não é motivo para a hierarquização dentro do empreendimento. ✓
- A Livre comunicação – Há superação da timidez e da omissão, porque todos são responsáveis pelas decisões e não há peso diferenciado de votos. ✓

- A Discussão com outros setores – Os grupos têm o auxílio das incubadoras e assim podem reivindicar junto ao Poder Público, junto aos sindicatos, as mudanças que se fizerem pertinentes na legislação para que esta nova forma de organizar a força de trabalho seja viável e melhor para todos. ✓
- O Aprendizado contínuo – A preocupação central dentro da E.S. é o desenvolvimento contínuo dos envolvidos, seja o conhecimento técnico, seja pessoal e ético. O crescimento total é fundamental para o bom andamento do empreendimento e para o relacionamento em geral. ✓
- O fortalecimento da ética – Não há sabotagem, extorção, adulteração de informações ou mentiras porque não é interessante para ninguém. O sucesso de um será o sucesso de todos e o fracasso de uns será o fracasso de todos, todos devem sempre pensar no "outro" para que o empreendimento funcione, todos são responsáveis por todos. O individualismo não funciona dentro da E.S. ✓
- O desenvolvimento e a valorização humana – Os envolvidos têm a certeza de que seu trabalho não é uma mercadoria descartável, sem valor. Eles têm a consciência de que sua atividade é resultado de uma luta contra o modo capitalista de produção, com preocupações cidadãs, ecológicas e éticas. ✓
- A aproximação entre urbano/rural – Não há esta discriminação, trabalhadores rurais e urbanos produzem, compram e vendem seus produtos em conjunto, visando ganhos em escala. ✓

O termo solidariedade não se confunde com paternalismo, caridade ou filantropia, mas sim, com comprometimento com o trabalho coletivo, cooperativo,

comunitário que perpassa pela ética nas relações humanas, nas relações de trabalho e nas relações econômicas e comerciais.

A Economia Solidária não pode nem pretende se restringir ao setor econômico porque não há empreendimento sem sociedade. Pensar em outra forma de produção significa necessariamente pensar em outra forma de sociedade, porque esta é maior que a produção. Talvez o maior desafio para a construção de uma forte E.S. esteja no fato de sua inserção em uma sociedade contraditória, marcada historicamente por relações sociais e de produção capitalistas. Entretanto, a sociedade de hoje que vive com a forma capitalista de organizar a produção e com o embrião de uma outra organização, que é a E.S., precisa lidar com comportamentos individuais, formados em contextos autoritários, preconceituosos e burocráticos, cuja cultura predominante está fundamentada na subordinação e não na colaboração solidária.

O objetivo da colaboração solidária, entretanto, é garantir a todas as pessoas as melhores condições materiais, políticas, educativas e informacionais para o exercício de sua liberdade, promovendo assim o bem-viver de todos e de cada um... mais do que isso trata-se de uma compreensão filosófica da existência humana segunda a qual o exercício da liberdade privada só é legítimo quando deseja liberdade pública, quando deseja que cada outro possa viver eticamente a sua singularidade dispondo das mediações que lhe sejam necessárias para realizar - nas melhores condições possíveis - a sua humanidade, exercendo a sua própria liberdade. Igualmente, sob esta compreensão, a liberdade pública somente é exercida de modo ético quando promove a ética realização da liberdade privada... (Mance, 1999 p. 179).

6.4- Analisando algumas experiências

Para que possamos melhor compreender as propostas da E.S., torna-se fundamental analisar experiências já realizadas e as transformações que fortalecem a atuação dos grupos de trabalhadores e o processo de autogestão:

- Os cooperados têm poder de decisão e competência para gerir o empreendimento, o que os torna mais confiantes, conscientes e motivados;
- Na cooperativa, os empregados não têm de produzir lucros proporcionais ao capital investido, o que os permite se auto-explorarem menos;
- Os cooperados têm liberdade de escolher quando e como trabalhar para tornar sua empresa competitiva;
- A Economia Solidária melhora para o cooperador as condições de trabalho, mesmo quando estas continuam deixando muito a desejar;
- O surgimento e o fortalecimento da Economia Solidária incentiva o poder de luta de todos os trabalhadores assalariados contra a exploração capitalista, no mínimo porque diminui o exército de reserva.

Apesar dos indícios de degeneração de muitas cooperativas, a maioria delas mantém-se fiel ao espírito os Pioneiros Eqüitativos de Rochdale, uma cooperativa de consumo fundada em 1844, por operários do setor têxtil, da cidade inglesa de Rochdale, que funcionava em um grande armazém com o intuito de reduzir o custo e melhorar a qualidade dos alimentos que consumiam. Estabeleceram oito **princípios**:

- Haveria democracia na sociedade para cada sócio um voto;

- A sociedade seria aberta para quem quisesse participar, desde que integrasse a cota de capital mínima igual para todos;
- Qualquer dinheiro investido na cooperativa seria remunerado por uma taxa de juro, mas não daria a seu possuidor qualquer direito adicional de decisão;
- Tudo o que sobrasse de receita, deduzidas todas as despesas, inclusive o juro, seria distribuído entre os sócios em proporção às compras que fizessem na cooperativa;
- Todas as vendas seriam à vista;
- Os produtos vendidos seriam sempre puros e de qualidade;
- A sociedade deveria promover a educação dos sócios nos princípios do cooperativismo;
- A sociedade seria neutra política e religiosamente;

6.5- Autogestão

Não é enganoso afirmar que muitas organizações solidárias degeneram porque há uma descrença generalizada na capacidade de “meros trabalhadores” de as gerirem com eficiência. Esta descrença baseia-se na idéia de que a administração de empresas é uma ciência que tem de ser aprendida em universidades, sobretudo quando se trata de empresas complexas operando com alta tecnologia. Segue-se que o poder de decisão deve ser entregue a quem tem “competência”, ou seja, a especialistas, cuja autoridade sobre os trabalhadores não pode ser contestada.

A administração de empresas não é uma ciência, as situações desafiam qualquer generalização, isso não significa que o administrador não deva ter

conhecimentos técnicos, mas, mesmo quando especializado, sabe os limites de sua competência para buscar auxílio técnico ou prático, sempre que necessário.

A autogestão numa organização solidária é totalmente diferente da gestão capitalista porque os conflitos entre seções são menores e, mesmo se houver conflitos, eles podem ser travados abertamente e resolvidos por negociações em que todos tomam parte. As informações relevantes são disponibilizadas a todos, assim como a contabilidade e os demais sistemas de controle.

Como as decisões são coletivas, mobiliza-se a experiência de todos os sócios, por isso, as decisões tendem a ser mais certeiras do que as adotadas em empresas capitalistas. Esta vantagem tem seu custo, pois ouvir a opinião de todos os que querem participar pressupõe maior tempo. Por outro lado, há situações que exigem decisões rápidas, por isso é preciso delegá-las a um responsável que conheça o funcionamento do setor afetado.

Com efeito, quem detém a competência técnica não precisa ter "autoridade", mas capacidade de formular alternativas e explicar os prós e os contras de cada uma a quem tem autoridade, que na organização solidária é a assembléia de sócios ou representantes escolhidos pela referida assembléia.

6.6- Organizações Solidárias: A reconstrução das competências

Na origem de uma organização solidária há geralmente ex-empregados de uma empresa capitalista, companheiros de jornadas sindicais, estudantis, comunitárias, etc... É uma opção ao mesmo tempo econômica e político-ideológica. Ela exige dos seus integrantes uma opção contra os valores dominantes da competição individual e da primazia do capital sobre o trabalho. Por isso, seu nascimento requer em geral um diminuto patrocínio de apoiadores externos, que

podem ser outras empresas solidárias, incubadoras⁷, sindicatos, entidades religiosas, organizações não-governamentais, etc...

Quem está numa organização solidária não tem contrato de trabalho, mas uma união de interesses, por isso é preciso que os sócios façam cursos de cooperativismo, tenham uma preparação profissional e se estruturam politicamente ao elaborarem o estatuto da organização.

Todos os membros da organização solidária obterão competência ao longo da vida prática da organização. Os especialistas podem fazer parte do quadro ou funcionar como assessores externos. Muitas vezes os trabalhadores dominam o processo produtivo, mas, não estão preparados para pesquisar mercados em busca de novas oportunidades de negócios nem para acompanhar a evolução das tecnologias relevantes de produtos e processos. Tais debilidades já têm sido diagnosticadas por incubadoras e outros apoiadores e só serão remediadas se estas empresas solidárias puderem recrutar profissionais especializados para os seus quadros.

6.7- A Consolidação da Economia Solidária

Há vários tipos de cooperativas: as de produção industrial e de serviços com capital abundante e alta tecnologia; as de capital modesto, com tecnologia herdada de empresas anteriores; pequenas associações de trabalhadores marginalizados ou de pessoas estigmatizadas; e as de trabalho. Estas se aproximam perigosamente das empreiteiras de mão-de-obra e das falsas cooperativas, montadas por firmas

⁷ Ambientes especialmente planejados para acolher iniciativas de grupos populares que estejam nascendo, bem como aqueles que buscam a modernização de suas atividades, de forma a transformar idéias em produtos, processos e serviços.

capitalistas que visam explorar o trabalho dos cooperadores sem lhes pagar as contribuições trabalhistas legais (*Coopergato, Cooperfraude*).

Integram ainda o campo da economia solidária, os Clubes de Trocas, formados por pequenos produtores de mercadorias, que constroem para si um mercado protegido ao emitir uma moeda própria que viabiliza o intercâmbio entre os participantes. E diferentes cooperativas de consumidores, com destaque para as de crédito, habitação, saúde e escolares. Não há em princípio um tipo de produção e distribuição que não possa ser organizado como empreendimento solidário.

Para se efetivar, a Economia Solidária deve ter as seguintes **bases**:

- Fontes de Financiamento;
- Redes de Comercialização;
- Assessoria Técnico-Científica;
- Formação Continuada dos Trabalhadores;
- Apoio Institucional e Legal por parte das autoridades governamentais;

A construção da competência nos princípios da solidariedade é perfeitamente possível desde que cada empreendimento possa se financiar, abastecer-se, escoar sua produção, aperfeiçoar-se tecnologicamente e educar seus membros em intercâmbio com outros empreendimentos solidários.

Experiências indicam que o desenvolvimento da economia solidária e sua integração num setor podem se dar de baixo para cima, por iniciativa das próprias empresas e instituições de apoio, sem interferência direta das autoridades governamentais. E que esta alternativa parece preferível, sobretudo para preservar a autenticidade das organizações solidárias, que depende da sua democracia interna e da sua autonomia externa.

Exemplos:

- Cooperativa de Costureiras Unidas Venceremos (Porto Alegre);
- Cooperativa de Calçados Nova Vida (Ivoti – RS);
- Cooperativa de Produtores Agropecuários Vista Alegre – Grãos e Pecuária de Leite e Corte (RS);
- Cooperativa de Trabalho Múltiplo de Rondônia (COOTRARON);
- Cooperativa Agropecuária Mourãoense Ltda. (PR);
- Cooperativa de Crédito – BANCOOB (RJ);
- Cooperativa de Trabalho – MAXICOOP (SP);
- Cooperativa de Habitação Guararapes (PE);
- Cooperativa de Ensino de Goiânia – COOPENSINO;

qual é a relação desta parte com o que foi afirmado antes ~~na~~ ^{na} parte 6? Falta explicitar esta relação. 43

7- A cultura do consumo e o fortalecimento do consumo ético

"Acho que a tentação do consumo é o melhor estímulo para o trabalho" (Carmo, 1992, p.76)

Todo o avanço tecnológico que se conhece hoje gera muito lucro, que vem de uma produção incrível de mercadorias, porém, a concentração de capital nas mãos de minúscula parte da sociedade faz com que haja menos mercado consumidor para todas estas mercadorias. Os trabalhadores têm se organizado e buscado formas de geração de emprego e renda para satisfazer a demanda de consumo dos excluídos.

Pensar em consumo é pensar em modo de organização que vise o bem-estar das pessoas. Consumir é satisfazer necessidades e desejos com consciência, é aplicar riquezas na satisfação das necessidades do homem.

Há basicamente três tipos de consumo:

1-Consumo alienado – é a compra movida pela mídia que dita regras e comportamentos. Adquire-se muitas vezes, o que comprovadamente faz mal à saúde somente porque a TV apresenta uma falsa ^{"publicidade"} ~~propaganda~~ com um cenário bonito com pessoas bonitas e saudáveis e compram-se artigos de marcas famosas, associando situações e identidades que as pessoas gostariam de ter ou ser. Se uma pessoa não tem determinada roupa, determinado tênis, ela se sente excluída do seu grupo. Desejos, anseios, angústias são colocados de modo tal que o consumo de certos produtos sejam considerados o caminho para alcançar a felicidade e a satisfação pessoal. Não consomem necessariamente o que é necessário, saudável ou útil, mas o que está em evidência naquele momento. Não há uma reflexão sobre

Uma necessidade pode ser artificial? Necessário significa que algo somente pode ser do jeito que é. Assim, não há necessidade e sim uma artificial em termos do conceito de necessidade, que a reduz a mero desejo.

a real necessidade de tal produto, seu valor e sua condição de pagamento. Simplesmente consomem e sofrem as conseqüências posteriormente.

Estas necessidades artificiais induzem ao desperdício, uma lógica absurda que sustenta a economia. Os produtos são descartáveis, são fabricados exatamente para durarem pouco, é a chamada "obsolescência programada", e serem rapidamente substituídos. São frágeis e facilmente deterioráveis, assim como os prazos de validade são reduzidos para que uma nova necessidade seja estimulada fazendo com o que o consumidor, sem uma reflexão adquira um novo produto.

A tecnologia desperta uma dose elevada de fetichismo e, sabendo bem disso, muitas empresas lançam novos modelos de telefones celulares, carros, eletrodomésticos e outros forçando o consumismo, apesar do modelo antigo ainda funcionar perfeitamente bem.

2-Consumo compulsório – é a compra do que dá para comprar. Grande parte da população brasileira não tem muita escolha, são os pobres, os excluídos, os subempregados e os desempregados. O arroz, o feijão, o açúcar consumido (quando podem consumir) são os que estão com preço mais barato. Os calçados e as roupas não são os mais caros, são os da promoção também. Não porque têm mal gosto e sim, porque necessitam gastar menos para com muito esforço conseguirem sobreviver, primam pela quantidade que podem adquirir com determinado recurso e não pela qualidade. Vida difícil, já que os seres humanos não consomem somente bebida e comida, consomem também diversão e arte, (pelo menos deveriam) como diz a música de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto. In Titãs. Jesus não tem dentes no país dos banguelas, 1998:

" A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte".

3-Consumo solidário – é o consumo que visa promover o bem viver tanto de quem produz quanto de quem consome. É a preocupação com o bem estar pessoal e coletivo. Favorecer o consumidor e o produtor é suprimir os atravessadores e especuladores (exploram os produtores e expropriam os consumidores) que atuam nas cadeias de produção, distribuição e consumo.

Há também o compromisso com a preservação da natureza, das relações humanas e das subjetividades. Não é só a questão dos ecossistemas do ponto de vista do meio ambiente, é também o ecossistema social, das relações humanas.

Há a matéria prima comprada em empresas capitalistas que exploram as pessoas e destroem o meio ambiente, e há a matéria prima comprada em empreendimentos solidários que contribuem para o crescimento e fortalecimento da Economia Solidária. Comprar insumos de organizações solidárias significa aumento de faturamento para todos os que estão envolvidos.

8- Conclusão

A construção da identidade no mundo do trabalho

"O ser humano tem a vantagem de ser capaz de ir além dos seus condicionamentos". (Freire, 1996, p.28).

No percurso de nossa reflexão podemos concluir que qualquer tipo de trabalho seja ele qual for, demanda inteligência, ou pelo menos concentração, e nenhuma forma de trabalho é melhor que outra, elas se complementam para o bom funcionamento da vida em comunidade. Assim, novas profissões têm surgido a partir das necessidades das pessoas e diferentes formas de trabalhadores têm se desenvolvido ao longo da história: há o trabalhador alienado que não se dispõe a exercer participação política; há o "religioso" do trabalho que o glorifica acima de tudo e negligencia família, amigos e até valores, há o "herói" do trabalho que se sacrifica com ou sem satisfação na realização de suas tarefas, mesmo que sejam ingratas, e há o trabalhador humano consciente de suas possibilidades, qualidades e de suas limitações, que faz do seu trabalho algo prazeroso e se vê em progresso em cada reflexão sobre a produção do seu objeto, seja ele um serviço ou um produto.

O fato é que há muito da pessoa na atividade que ela desempenha. Não é possível ser totalmente alheio a uma atividade que se realiza durante ^{oito} 8 horas por dia, pois alguma forma de relação se torna inevitável e gera os tipos de trabalhadores anteriormente descritos. Pessoas chegam a "demarcar território" no lugar onde trabalham. Algumas colocam fotos de familiares, outras flores, outras santos protetores, sempre há algo que caracteriza determinada pessoa no seu local de trabalho nem que sejam as boas risadas, a densa camada de cinza de cigarro cobrindo a tela do computador ou a lixeira cheia de copinhos de café.

onde vou trabalhar este conceito?

onde vou trabalhar esta ideia no corpo de ~~de~~ seu texto no momento? ficou?

não inclui estes elementos no corpo do texto no momento gráfico.

O mundo do trabalho é o local de realização do trabalhador como ser social, que cria, que produz, que sonha, que ama e, por isso, local importante de construção de sentidos e de pontos de vista.

O fato é que o trabalho é uma fonte inesgotável de paradoxos. Incontestavelmente, ele dá origem a terríveis processos de alienação, mas pode ser também um possante instrumento a serviço da emancipação, bem como do aprendizado e da experimentação da solidariedade e da democracia. (Dejours, 1999, p. 141)

Ter uma história dentro de uma determinada categoria faz com que a pessoa se sinta importante, faz com que ela se veja ocupando um papel na sociedade, exercendo muitas vezes atividades de referência para as demais classes trabalhadoras, como os metalúrgicos, por exemplo, que têm uma trajetória marcante de lutas dentro do cenário nacional.

É no trabalho que o ser humano exercita sua experiência do saber fazer, sente-se valorizado quando pode demonstrar a sua capacidade, o seu saber e as suas conquistas. É a união de esforço pessoal e habilidade de trabalho. Para Maria Montessori (s/d), os objetivos individuais mais importantes seriam: encontrar um lugar no mundo, nutrir paz e densidade interiores para ter a capacidade de amar e desenvolver um trabalho gratificante. Esta autora acreditava que esses seriam os fundamentos de qualquer comunidade pacífica, constituída de indivíduos independentes e responsáveis, ou seja, de qualquer comunidade feliz.

A conclusão não concluiu o trabalho.

Cântico da rotina

Ana Miranda

Todo trabalhador tem direito a bocejar

Todo trabalhador tem direito a ganhar flores

Todo trabalhador tem direito a sonhar

Todo trabalhador tem direito a ir ao banheiro

Todo trabalhador tem direito a manteiga no pão

Todo trabalhador tem direito a promoção

Todo trabalhador tem direito a ver o pôr-do-sol

Todo trabalhador tem direito a um cafezinho

Todo trabalhador tem direito a ler um livro

Todo trabalhador tem direito a um rádio de pilha

Todo trabalhador tem direito a sorrir

Todo trabalhador tem direito a ganhar um sorriso alheio

Todo trabalhador tem direito a ficar gripado

Todo trabalhador tem direito a peru de Natal

Todo trabalhador tem direito a festa de aniversário

Todo trabalhador tem direito a jogar pelada

Todo trabalhador tem direito a dentista

Todo trabalhador tem direito a andar nas nuvens

Todo trabalhador tem direito a tomar sol

Todo trabalhador tem direito a sentar na grama

Todo trabalhador tem direito a viagem de férias

Todo trabalhador tem direito a catar conchas numa praia deserta

Todo trabalhador tem direito a dizer o que pensa

Todo trabalhador tem direito a pensar

Todo trabalhador tem direito a saber por que trabalha

Todo trabalhador tem direito a se olhar no espelho

Todo trabalhador tem direito a seu corpo e sua alma

(VOVIO,2000,p.224)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho?** Editora Brasiliense, 1995.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** Campinas, SP: Cortez, 1995.
- BOURDIEU, P. **Desemprego.** In Diplo, Brasil, n.41, jun. 2003.
- CARMO, Paulo Sérgio do. **A ideologia do trabalho.** São Paulo: Moderna, 1992.
- CATTANI, Antonio David (org.). **A outra economia.** Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- DE MASI, Domenico. **O futuro do trabalho.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social.** Rio de Janeiro, FGV, 1999.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho.** São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e Crise do trabalho: perspectivas de final de século.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- LIMA, Marcos Costa. **Raízes da miséria no Brasil: da senzala à favela.** s/e, s/d.
- MANCINI, Euclides. **A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- MARX, K. **O capital.** 7. ed., São Paulo: Difel, 1982.
- MONTESSORI, Maria. **Formação do homem.** Portugal: Portugália Edit., s/d.
- NOVA ESCOLA. São Paulo: Ed. Abril, n. 158, dez. 2002.
- ROMANO, Jorge. **Empoderamento e direitos no combate à pobreza.** Rio de Janeiro: Action Aid, 2002.
- SACHS, Ignacy. **Inclusão Social pelo trabalho: desenvolvimento humano, trabalho docente e o futuro dos empreendedores de pequeno porte no Brasil.** Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego.** São Paulo: Contexto, 2000.
- VOVIO, Cláudia Lemos (Coord.). **Viver, aprender: educação de jovens e adultos (Livro 1).** São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2000.

SITES:

TCE - Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro: <http://www.tce.rj.gov.br> > Acesso em 10/12/2003.

GAJOP – Gabinete de Assessoria Jurídica às Organizações Populares: http://www.gajop.org.br/portugues/raizes_p.htm> Acesso em 10/02/2004.

CULTURA BRASIL: <http://www.culturabrasil.pro.br/direitoapreguica.htm> > Acesso em 07/10/2003.

GRUPO KRISIS: <http://www.dhnet.org.br>> Acesso em 08/01/2004.
DIPLO: www.diplo.com.br> Acesso em 03/02/2004.



UNI-RIO
Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Estefânia Pereira da Silva

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Economia Solidária: cons-
tituindo uma proposta de trabalho com liberdade

ORIENTADOR : Antônia Gonzaga Pirrmano

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

* Primeiro avaliador : **Professor convidado**

Professor: Valéria Wilke

Nota : SETE (7,0)

Considerações Finais:

O tema deste trabalho monográfico é muito interessante e relevante na medida em que acredito (já que não ficou clara a pro-
pósito qual é a proposta) que ele procura refletir sobre as relações educativas presentes no Trabalho desen-
volvido no âmbito da Economia Solidária.

Contudo, há problemas na construção da monografia e que precisam ser indicados: Faltou:

a) explicitar o tema do trabalho e sua proposta analítica;

b) articular as partes do texto;

c) fundamentar historicamente a compreensão de Trabalho nas épocas históricas escolhidas pela aluna, o que teria evitado os erros conceituais cometidos;

d) desenvolver conceitualmente os aspectos indicados por P. Singer como os promovedores da crise do trabalho, uma vez que a Economia Solidária é analisada a partir desta crise;

e) desenvolver o conceito de identidade para articular e refletir sobre a identidade no mundo do trabalho, tal como aparece na conclusão.

Valina Ulbe

* Segundo avaliador : Professor orientador

Professor : Antônia Barbosa Simão

Nota: 10,0

Considerações Finais:

Trata-se aqui de enfatizar a qualidade e o esmerado esforço que a aluna Estefânia Pinna da Silva vem demonstrando ao longo de seu caminho universitário, no curso de graduação em Pedagogia (observa-se que ela também realiza formação musical na Escola de Música Vilda Lobos).

Imo que a aluna é também a monitora ampliada de forma singular, sua competência intelectual isto pode ser cotado em sua monografia intitulada ECONOMIA SOLIDÁRIA: CONSTRUINDO UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM LIBERDADE, que revela a opção pela pedagogia comprometida com a transformação de nossa sociedade.

As ideias alinhavadas com apuro no texto citado, destacam seu compromisso com propostas técnicas e práticas enladas de ética, equidade, amorosidade.

Antônia Simão

* Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: Lígia Martha

Nota : 7,5 (sete e meio)

Considerações Finais:

Quanto ao aspecto formal trata-se de um cabe a-
notar, a monografia não exibida, na introdução, à falta de estudo,
básica; questões: "justificativa" e "são estas questões que todos os
elementos essenciais não constam. A metodologia do trabalho
também não foi feita. O trabalho não apresenta sumário, um
resumo conclusivo.

Será necessária uma revisão formal.

Lilly

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
7,0	10,0	7,5	24,5	8,1

Rio de Janeiro, 20/04/04

Lilly

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês Novembro / 2003

Dia	18	25	28	
Atividade	Estudo teórico da Teoria da Prática	Estudo teórico da Teoria da Prática	Estudo teórico da Teoria da Prática	
Professor	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira	
Aluno	Edler	Edler	Edler	

Mês Dezembro / 2003

Dia	02	16	19	29
Atividade	Estudo teórico da Teoria da Prática			
Professor	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira
Aluno	Edler	Edler	Edler	Edler

Mês Janeiro / 2004

Dia	20	27	30	
Atividade	Análise de experiências brasileiras da Teoria da Prática	Idem	Idem	
Professor	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira	
Aluno	Edler	Edler	Edler	

Mês Fevereiro / 2004

Dia	10	17	19	26
Atividade	Produção de capítulos considerando Teoria e Prática	Idem	Idem	Idem
Professor	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira
Aluno	Edler	Edler	Edler	Edler

Mês Março / 2004

Dia	16	23	29	30
Atividade	Ajustes finais	Ajustes finais	Ajustes finais	Ajustes finais
Professor	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira	Antônio S. Siqueira
Aluno	Edler	Edler	Edler	Edler